

RESENHA

NOBILING, Oskar. *As cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade e estudos dispersos*. Niterói: Eduff, edição organizada por Yara Frateschi Vieira, 2007.

Recebem os estudiosos da Filologia portuguesa um presente raro e oportuno com a edição dos textos avulsos do romanista Oskar Nobiling, sob o título *As cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade e estudos dispersos*. O volume é o segundo da coleção *Estante Medieval*, que a Editora da Universidade Federal Fluminense oferece ao público sob a regência de Maria do Amparo Tavares Maleval e Fernando Ozorio Rodrigues, dois eminentes estudiosos da Medievalística, mormente nas searas do galego-português.

Merece inicial referência o cuidadoso e eficiente trabalho de Yara Frateschi Vieira, que, a par da organização dos textos de Nobiling em três harmônicos setores — lírica medieval galego-portuguesa, língua portuguesa e literatura popular —, ocupa-se na *Introdução* de uma informativa notícia biográfica deste alemão naturalizado brasileiro e de sua presença no Brasil na virada do século XX. Soa claro no texto de Frateschi Vieira o rigor da pesquisa às fontes biográficas de Nobiling, que, diga-se necessariamente, não constituiu tarefa de pouco fôlego, a perceber-se pela precariedade das informações disponíveis.

Mas não só os medievalistas ganham com a publicação dos textos de Nobiling, senão também os historiógrafos da Linguística no Brasil. Isso porque a referência a Nobiling via de regra se vem fazendo por citação de terceiros, dada a dificuldade que até então tínhamos para manter contato direto com sua obra. Agora, decerto, os que se dedicam ao estudo histórico do pensamento linguístico no Brasil hão de pautar sua referência aos trabalhos desse teuto-brasileiro com maior segurança, à luz de suas próprias palavras, uma conquista auspiciosa para o futuro de nossos estudos historiográficos.

No corpo do volume, desponta a tese *As cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade, trovador do século XIII*, tida como o texto mais substancial de Nobiling em suas incursões no português antigo. As notas de Nobiling revelam um estreito parentesco intelectual com o trabalho de Carolina Michaëlis e Leite de Vasconcelos, esse último um frequente destinatário da correspondência filológica que nosso romanista enviava à Europa na busca ansiosa de

informações sobre o estado da pesquisa no Velho Mundo. Por sinal, Leite de Vasconcelos muito lamento recebeu nas cartas de Nobiling acerca das dificuldades enfrentadas para desenvolver pesquisa filológica no Brasil, sobretudo em face da escassez de livros e revistas especializadas: “Os livros e revistas que se publicam sobre taes assumptos em Portugal ou outros paizes, só por rara felicidade é se alguma vez apparecem aqui no commercio” (p. 29).

Não resta dúvida de que o Brasil não estava à altura do mercado editorial europeu nos anos iniciais do século XX, mas não deixa de surpreender semelhante veemência de Nobiling se lembrarmos que outros tantos filólogos da época demonstram profícua leitura ao menos dos principais textos de descrição vernácula europeus, mormente os ingleses e franceses. Said Ali, por exemplo, cita com desenvoltura os principais teóricos da Linguística alemã nas *Dificuldades da língua portuguesa*, fato que bem demonstra estarem eles entre os que gozavam de sua leitura ordinária. Decerto que o acesso de Said Ali às fontes europeias muito devia facilitar-se em face das constantes viagens do mestre fluminense à Alemanha, mas outros pesquisadores, como João Ribeiro, que igualmente revelam farta leitura doutrinária, não desfrutavam desse privilégio. Talvez se deva interpretar o ressentimento de Nobiling quanto à inanição do mercado livreiro no Brasil não como um fato genérico, mas atinente em particular aos estudos de crítica textual.

Na seara dos estudos descritivos, a paixão pelo português brasileiro flui em pequenos estudos de grande valor testemunhal, já que servem hoje como documentos fidedignos do comportamento linguístico do brasileiro no período que vai das últimas décadas do século XIX às primeiras décadas do século seguinte. O temário vai da descrição fonológica — em que desponta o clássico *As vogais nasais em português*, cuja tradução de Dinah Maria Isensee Callou e Maria Helena Duarte Marques, antes publicada no número 12 da *Revista Littera*, em 1974, ganha uma atualizada revisão — ao estudo das frases feitas, tema que o século XX viu desvanecer com o passar do tempo, para lamento de nossa tradição filológica.

No tocante à fraseologia, por sinal, a pena de Nobiling não poupa críticas ferinas ao trabalho de João Ribeiro, a quem acusa de dar como suas “as verdades descobertas por outros, e só os cita quando julga poder refutá-los” (p. 374). O rigor do julgamento, entretanto, abre uma fresta de ressentimento quando adverte ao leitor que tinha “um motivo pessoal para escrever a presente crítica” (p. 375). As rugas filológicas, sabemo-lo bem, muita inimizade criou nos círculos intelectuais brasileiros, em sua maioria alimentada pela vaidade que naturalmente acomete os homens de leitura. Fato é que, tanto a Nobiling

quanto a Ribeiro muito hoje devemos como estímulo para retomar os estudos fraseológicos, não obstante em ambos também se encontrem certos “devaneios” justificados pelo que então se denominava “estudo conjectural”.

Uma especial referência merece o texto *Brasileirismos e crioulistismos*, em que Oskar Nobiling discorre sobre fatos gramaticais tidos inadequadamente como típicos do contato linguístico, quando na realidade expressam uma natural mudança sistêmica. Um dos expressivos exemplos referidos por Nobiling diz respeito ao uso de **ter** por **haver**, característico do português brasileiro e de alguns crioulos africanos de base portuguesa, que tem sua real origem na progressiva ampliação do espectro semântico de *tenere* a ponto de assumir sentidos de *habere* nos romances ibéricos.

Outra referência especial impõe-se ao capítulo Literatura Popular, em que se reúnem várias canções populares brasileiras anotadas por Nobiling entre 1895 e 1897. A coletânea constitui um exemplário precioso para o estudo da língua oral dos oitocentos, área de investigação que se ressentia de *corpora* fidedignos, não obstante muitos dos textos já tivessem sido publicados em 1883 por Sílvio Romero em seus *Cantos populares do Brasil*. O traço inovador no trabalho de Nobiling está na maior preocupação com o registro gráfico da pronúncia, como se percebe, por exemplo, em *A moça sendo feia/E sendo constante/É conseederada*. A preocupação com os detalhes gramaticais é nítida nos comentários oferecidos em notas explicativas, tais como o que faz a respeito de uma das estrofes da seguinte canção:

Naquele cordão de serra,
Naquela outra de lá,
Avistei a Serra Negra
Donde meu bem foi morar.

Esse texto, atribuído a um certo José Alves da Rocha, vem com emprego de **donde** no último verso da estrofe, mas segundo Nobiling, ao ditar o verso para registro, o cantador teria dito *Adonde Marica foi morar*. A par da presença do advérbio regido por **de**, que por si constitui um fato sintático interessante, ressalte-se que na outra versão incorporou-se um **a** protético, típico do cruzamento de **aonde** com **donde**. Cuide-se, por cautela, que esse **a** pode resultar igualmente do alongamento do **a** final de **Negra**, o que desautorizaria a hipótese do cruzamento. Este caso é constitui exemplo avulso do cuidado de Nobiling com o rigor do registro, que se estende até mesmo para as informações sobre variáveis sociolinguísticas, tais como a idade, a cor e a naturalidade do cantor.

Enfim, o volume *As cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade e estudos dispersos* resume-se em precioso repertório de textos do Oskar Nobiling, seja na seara da crítica textual, seja na da descrição linguística do português, ou mesmo no trabalho meticuloso da coleta de textos em língua oral. Ressalte-se, ademais, a excelente produção editorial que a Editora da Universidade Federal Fluminense dedicou à obra.

Ricardo Cavaliere